

## **Contexto dos enfermeiros frente à assistência às crianças diagnosticadas com transtornos do espectro autista**

### **Context of nurses facing the assistance to children diagnosed with autistic spectrum disorders**

DOI:10.34117/bjdv7n10-177

Recebimento dos originais: 15/09/2021

Aceitação para publicação: 15/10/2021

#### **Olívia Regina Fróes Eduardo**

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Email: froes.olivia@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3851-9804>

#### **Rosimara Oliveira Queiroz**

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Email: rosi.mdc@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7976-2259>

#### **Kelly Elaine de Sousa**

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Email: sousakelly1@gmail.com.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7936-9561>

#### **Tânia Valéria Ferreira dos Santos**

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Email: taniavaleria123santos@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8470-6796>

#### **Maria do Carmo Fernandez Lourenço Haddad**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Email: carmohaddad@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7564-8563>

#### **Herbert Leopoldo de Freitas Góes**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil. Email: hlfgoes@gmail.com.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6071-692X>

#### **RESUMO**

Objetivo: Conhecer a percepção dos enfermeiros frente a assistência das crianças diagnosticada com Transtornos do Espectro Autista (TEA). Método: Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizada com os enfermeiros efetivos, de uma Unidade Básica de Saúde e um Hospital público localizado em um município localizado no Noroeste do Estado Paraná. Resultados: Os entrevistados relataram que compreende o que é autismo, no entanto demonstrou dificuldade em orientar os pais, mostrando que existe falta conhecimento sobre o tema, despontando a necessidade de capacitações. Considerações finais: Considerando um tema frágil, proporciona assim uma oportunidade

em repensar na prática profissional, se faz necessário um espaço para os enfermeiros capacitarem sobre o tema para enfrentar o desafio diário.

**Palavras-Chave:** Autismo, Assistência de enfermagem, Enfermeiros.

## ABSTRACT

**Objective:** To know the nurses' perception of the care provided to children diagnosed with Autism Spectrum Disorders (ASD). **Method:** A descriptive, exploratory study, with a qualitative approach, carried out with effective nurses from a Basic Health Unit and a Public Hospital located in a city in the Northwest of Paraná State. **Results:** The interviewees reported that they understand what autism is, however they demonstrated difficulty in guiding parents, showing that there is a lack of knowledge on the subject, highlighting the need for training. **Final considerations:** Considering it a fragile theme, it provides an opportunity to rethink professional practice, and a space is needed for nurses to be trained on the subject in order to face the daily challenge.

**Keywords:** Autism, Nursing care, Nurses.

## 1 INTRODUÇÃO

O autismo é uma síndrome que engloba múltiplas etiologias e compromete algumas áreas de desenvolvimento da criança, interferindo em suas habilidades de comunicação, comportamento e interrelação social, além de um repertório restrito de interesses e atividades <sup>(1)</sup>.

Atualmente o autismo é identificado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) e na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) Transtornos do Espectro Autista (TEA), que engloba uma amplitude, de sintomas, desde o menos grave até os mais graves<sup>(1)</sup>.

Por ser considerado uma síndrome neuropsiquiátrica, continua sendo um desafio seu diagnóstico nos primeiros anos de vida, as crianças apresentam padrões restritos e repetitivos de comportamento com início do desenvolvimento infantil causando prejuízo no convívio social, atraso na linguagem e compreensão, discurso pobre acarretando prejuízos na vida diária<sup>(8)</sup>.

A Portaria nº 962/2013, estabelece a criação um Comitê Nacional de Assessoramento para Qualificação da Atenção à Saúde das Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo no âmbito do Ministério da Saúde, com o objetivo de promover a articulação e o alinhamento entre os campos da reabilitação e da atenção psicossocial para qualificação da atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo no âmbito do Sistema Único de Saúde<sup>(2)</sup>.

Sabe-se que o profissional de enfermagem pode colaborar positivamente no acompanhamento de crianças com TEA, proporcionando uma atenção integral em seu processo de crescimento e desenvolvimento. Dessa forma, é importante que a equipe de enfermagem tenha conhecimentos mínimos de como agir e atuar diante das crianças com TEA, sua família e comunidade<sup>(3)</sup>. Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi conhecer a percepção dos enfermeiros frente a assistência das crianças diagnosticadas com Transtornos do Espectro Autista (TEA).

## 2 MÉTODO

Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com os enfermeiros efetivos de uma Unidade Básica de Saúde e um Hospital público localizado em um município no Noroeste do Estado Paraná. Os participantes da pesquisa foram os enfermeiros que trabalhavam na referida instituição. Atualmente o hospital possui cerca de 4 enfermeiros, e 3 enfermeiros nas unidades básicas de saúde totalizando 7 participantes. O quantitativo de profissionais abordados foi definido pelos critérios de saturação teórica. Isto é, quando as informações coletadas se tornaram repetitivas e permitiram responder aos objetivos do estudo<sup>(4)</sup>.

Como critérios de inclusão do estudo, foram todos os enfermeiros do hospital, independentemente do tempo de serviço. Por sua vez, foram excluídos os profissionais que estiveram de férias, folga ou licença saúde.

A coleta de dados foi realizada mediante entrevistas individuais, agendados em local e horário de interesse do entrevistado, afim de não prejudicar a rotina no serviço. As entrevistas foram guiadas por um instrumento semiestruturado englobando questões norteadoras abertas sobre a percepção dos enfermeiros frente a assistência das crianças diagnosticadas com (TEA) que teve duração média de 10 a 20 minutos. As entrevistas foram registradas em um gravador mp3.

Para a análise dos dados, seguiu-se pela técnica de análise de conteúdo, de acordo com os passos sugeridos por Bardin, constituição do corpus, definição das unidades de sentido; leitura flutuante; agrupamento e subcategorização; categorização e tratamento dos resultados<sup>(4)</sup>. A análise de conteúdo das entrevistas permitiu identificar os obstáculos enfrentados e as fragilidades dos enfermeiros frente a assistência das crianças diagnosticadas com Transtornos do Espectro Autista (TEA).

O estudo seguiu os preceitos éticos vigentes na Resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e seu projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa

da Universidade Estadual de Maringá, sob o número do parecer 4.107.276.M. Todos os participantes que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias. Para preservar o anonimato, os trechos dos relatos foram identificados com a sigla (E), seguido de numerais conforme a sequência em que foram abordados.

### 3 RESULTADOS

Os 07 enfermeiros entrevistados trabalhavam a mais de 02 anos na UBS e Hospital e 05 deles possuíam especialização.

De acordo com as falas evidenciou-se que os profissionais possuem dificuldade em orientar os pais, mostrando falta conhecimento sobre o tema, necessidade urgente de capacitações. Percebemos também que um dos entrevistados relatou equivocadamente que e que orientaria os pais a buscarem atendimento especializado.

Não sei como orientar os pais sobre autismo, e observo que as crianças são muito agitadas, nunca participei de capacitação sobre autismo (E1).

Não saberia orientar os pais sobre autismo, dependendo do nível de autismo consigo diferenciar a criança autista das demais pode ter passado por aqui crianças autistas que não percebi, mas está me chamou à atenção (...) (E2)

(...)Orientaria os pais a procurarem alguém capacitado para conhecer sobre o autismo, eu atendi criança com autismo apenas uma vez.(E7)

Percebe-se nas falas dos enfermeiros entrevistados que apesar de saber o que é o Autismo, assumem que seu conhecimento é limitado sobre o tema. Ainda foi destacado por outro profissional que nunca fez atendimento a crianças com Autismo ou não identificou. Outro enfermeiro entrevistado relatou que tinha conhecimentos, porém percebemos o conhecimento equivocados sobre o aspecto físico do paciente descrito na entrevista. Os resultados demonstraram que os profissionais possuem pouco conhecimento sobre o autismo, para eles a maioria, os pacientes autistas são crianças isoladas, apresentam movimentos involuntários com o corpo no qual ilustra o estereótipo estigmatizante a criança.

(...) Sei o que é autismo, atender uma criança autista ela era mais fechada, não se comunicava, não trocava informação com a equipe, não olhava nos meus olhos, uma criança bem diferente das outras. (E2)

(...) Sei o que é autismo, porém nunca prestei atendimento à criança autista...Percebo diferenças entre as crianças autistas das demais. (E4)

(...) Eu sei o que é autismo, já atendi paciente autista, tem diferença fisicamente tanto comportamental dos autistas .(E5)

(...) Sei o que é autismo, tenho um paciente no setor autista e tenho orientado os pais sobre os cuidados com esta criança, pois os pais tem idade mais avançada e não tem muita paciência sobre a, criança, tem lido muito sobre autismo (...) (E6)

(... )Antes eu achava que era uma alteração de comportamento e aprendi que é uma disfunção, atendi uma criança autista é bem difícil porque chora bastante, não gosta de contato. Percebo diferença entre as demais crianças porque não socializa, fica retraído, nervoso, comportamento repetitivo. (E7)

Os profissionais possuem dúvidas e insegurança na orientação os pais, e como proceder nos atendimentos. O enfermeiro percebe que não possui conhecimento técnico e científico suficiente para oferecer atendimento com qualidade. Além disso na visão dos entrevistados, os pais também demonstraram dificuldades e desconhecimento para lidar com as situações cotidianas com seus filhos .

(...) tenho algumas dúvidas, os pais são inseguros em relação ao autismo e não sabe lidar com a situação, a criança foi fazer inalação e precisou amarrar com lençol e mãe disse que aprendeu com uma enfermeira assim, porque a criança não para e que não adianta explicar para criança é preciso prender os bracinhos. (E1)

Tive dificuldade para atender lá porque ela já era grandinha e a gente queria que ela falasse o que estava acontecendo e a mãe que respondia todas as perguntas, daí observei que ela tinha alguma necessidade especial, alteração de comportamento, até passamos ela na frente das consultas porque ela estava incomodada com ambiente. (E2)

Acredito que não tenho conhecimento suficiente para orientar os pais (...) (E4)

Destaca-se na fala dos enfermeiros terem participado de capacitações sobre o Autismo, com profissionais de equipe multidisciplinar, porém relatam ser um tema complexo com muitas limitações associados a poucos atendimentos realizados.

(...) Eu nunca participei de capacitação sobre autismo. (E4)

(...) já participei de duas palestras sobre autismo, uma por psicólogo e outra palestra com os pais de autistas. (E2)

(...) Fiz uma capacitação sobre autismo ano retrasado, tenho dificuldade do tema por ser complexo e a gente não tem muito contato com autista então é uma área que não tenho muito conhecimento. (E5)

(...) Eu participei de duas palestras sobre o Autismo. (E6)

#### 4 DISCUSSÃO

Existe pouca informação quanto à assistência de enfermagem aos portadores de autismo e sua família, a enfermagem possui um papel importante nas intervenções, porém é necessário avaliar o diagnóstico precoce de maneira a diminuir o sofrimento da pessoa com autismo e seus familiares, atualmente existem instrumentos para diagnóstico que avalia a interação social e comunicação e os padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesse nas atividades<sup>(7)</sup>.

Quando a criança está inserida nos serviços de saúde cabe os profissionais de enfermagem atuar com parceria com a equipe multiprofissional, observando a rotina, reduzindo o estresse durante o atendimento. A atuação dos enfermeiros frente à criança autista e sua família são fundamentais propiciando um ambiente socializador, com estabelecimentos de limites e orientação e principalmente o apoio familiar<sup>(9-10)</sup>.

Os profissionais de enfermagem entrevistados entendem a importância do atendimento às crianças autistas, mas apresentam medo do desconhecido interferindo na qualidade do atendimento, sendo fundamental o profissional estreitar laços de relacionamento com a criança e família, é importante o enfermeiro buscar dados e fontes importantes do diagnóstico de enfermagem e prescrever as intervenções necessárias.

Dessa forma, é importante que os profissionais de saúde busquem conhecimentos específicos em capacitações, sobre estratégias no cuidados com as crianças autistas, além de um bom acompanhamento psicológico, traçando um perfil de desenvolvimento, cognição, comunicação, motricidade apresentado pelas crianças, estando atento aos sinais e sintomas do autismo, diferenciando das demais síndromes, encorajando e transmitindo segurança e tranquilidade às crianças e seus pais para compartilhar as experiências vivenciadas, proporcionando um vínculo entre profissional e criança e família<sup>(5)</sup>.

Os profissionais demonstraram que é importante estudar mais sobre o autismo, buscar conhecimentos, procurar apressar os exames e solicitar aos pais que retornem brevemente para a próxima consulta, que essas consultas sejam mais prolongadas e com uma observação mais cuidadosa, utilizando a observação e entrevista com os pais observando os relatos dos pais, além da anamnese e exclusão de outras doenças<sup>(6)</sup>

Podemos observar que há grande necessidade de novos estudos e investigações para que contribuam no desenvolvimento, investigação e ampliação do olhar clínico da assistência de enfermagem e os demais profissionais. As limitações desta pesquisa estão nas narrativas que de certa forma são subjetivas e na forma de interpretação dos participantes, que possui caráter pessoal, desta forma, não é possível apresentar respostas

definitivas para este tema. No entanto, foi possível estabelecer um delineamento com caminhos para intervenção da Enfermagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi notório que existe uma limitação de conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo, acarretando no despreparo para orientar e fornecer subsídios às crianças diagnosticadas com TEA. Observou-se que este assunto é pouco discutido na sociedade e se faz necessário capacitação sobre o tema. É necessária a aptidão do tema para os enfermeiros com desígnio de intervir de forma mais eficaz, correspondendo às necessidades das famílias com crianças especiais, dando assistência, encorajando-os, transmitindo-lhes tranquilidade, conforto, segurança, estabelecendo vínculo, incentivando e acompanhando o tratamento.

Na literatura científica são encontrados, poucos estudos abordando a perspectiva de enfermeiros sobre os cuidados e acompanhamentos do autismo. Contudo, o TEA tem constituído tema de grande valia para congressos, debates, organizações. Pais, familiares, acadêmicos, profissionais, entre outros, tem promovido discussão em inúmeras vertentes, afim da garantia de direito, política de cuidado.

O enfermeiro é o elo mais frequente da pessoa autista e seus familiares com os profissionais de saúde, pois com o olhar atento e cuidadoso consegue prestar uma assistência diferenciada pautada nos princípios do SUS, com ênfase na equidade. Faz-se oportuna, a partir disso, a realização de pesquisas para identificar o conhecimento dos enfermeiros sobre crianças diagnosticadas TEA, de forma a contribuir para o desenvolvimento de estratégias na assistência de enfermagem para o cuidado com transtorno espectro autista.

Considerando um tema frágil, proporciona assim uma oportunidade em repensar na prática profissional, se faz necessário um espaço para os enfermeiros capacitarem sobre o tema para enfrentar o desafio diário. Contudo, este estudo proporcionou uma oportunidade em repensar na prática profissional, faz necessário um espaço para os enfermeiros capacitarem sobre o tema para enfrentar o desafio diário assumindo um lugar relevante na assistência.

## REFERÊNCIAS

1. Caldeira C L, Françoi CR. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e os critérios do Transtorno de Personalidade Borderline. *Psicologia Argumento*. [Internet]. 2019 [acesso em 15 fev 2021];35(90). Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/25743>
2. Brasil. Portaria GM n°. 962, de 22 de maio de 2013. Institui Comitê Nacional de Assessoramento para Qualificação da Atenção à Saúde das Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo no âmbito do Ministério da Saúde. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2013*. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/MatrizesConsolidacao/comum/13232.html>
3. Magalhães JM, Lima FSV, Silva FRO, Rodrigues ABM, Gomes AV. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. *Enferm. glob.* [Internet]. 2020 [acesso em 15 fev 2021];19(58):531-559. Disponível em: <http://dx.doi.org/eglobal.356741>.
4. Bardin L. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 2010.
5. Franzoi MAH, Santos JLG, Backes VMS, Ramos FRS. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. *Texto contexto - enferm.* [Internet]. 2016 [acesso em 15 fev 2021];25(1): e1020015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-070720160001020015>.
6. Oliveira JC. Dificuldades encontradas pelos profissionais da saúde ao realizar diagnóstico precoce de autismo. *Psicol Argum.* [Internet]. 2017 [acesso em 15 fev 2021];32(77). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.32.077.AO09>
7. Nogueira MAA, Martins RSCM. A Família com Criança Autista: Apoio de Enfermagem. *Revi Port de Enfermagem de Saúde Mental.* [Internet]. 2011 [acesso em 15 fev 2021]; (5):16-21. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1647-21602011000100003&lng=es](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602011000100003&lng=es).
8. Mergl M, Azoni CAS. Tipo de ecolalia em crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Rev. CEFAC.* [Internet]. 2015 [acesso em 15 fev 2021]; 17(6):2072-2080. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620151763015>.
9. Oliveira, BDCD, Feldman, C, Couto, MCV, Lima, RC. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. *Physis: Revista de Saúde Coletiva.* [Internet] , 2017[acesso em 15 fev 2021]; 27:707-726. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300017>
10. Pereira A, Riesgo RS., Wagner MB. Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil. *J. Pediatr.* [Internet]. 2008 [acesso em 15 fev 2021];84(6): 487-494. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572008000700004>.